

# A necessidade de encarnar o sonho

Divulgação



Nascido em Cacoal (RO), Yumo faz das reflexões de Krenak ferramenta para repensar sua ancestralidade

## Ideário de Ailton Krenak chega ao teatro com 'Ideias para Adiar o Fim do Mundo'

**E**m tempos de crise climática fica claro que a humanidade não soube se relacionar com o planeta, não soube explorar suas potencialidades de maneira equilibrada. Falta ouvir os ensinamentos das sociedades indígenas. Mas quem sabe ainda existe uma esperança. Pela primeira vez no teatro, "Ideias para Adiar o Fim do Mundo" perpassa obras, falas, o pensamento e a trajetória do líder indígena Ailton Krenak.

Após meses de processo colaborativo, a dramaturgia de João Bernardo Caldeira e de Yumo Apurinã, diretor artístico e protagonista do espetáculo, investiga as raízes da colonização que, como aponta Krenak, segue em curso, produzindo extermínio, etnocídio, devastação ambiental, expropriação de terras e tragédia climática, por meio de tiro, fogo, bíblia, soja, boi, estrada e cimento. A peça está

em cartaz no Futuros – Arte e Tecnologia, no Flamengo.

Para tratar desse Brasil que ignorou os direitos dos povos originários até a Constituição de 1988, o espetáculo enfoca a trajetória de vida de Yumo Apurinã, há seis anos radicado no Rio. Este indígena do povo Apurinã, nascido na Aldeia Mawanaty, no território Cinta Larga, em Rondônia, conhece o teatro ao frequentar a Igreja e decide ser ator. Em conflito com as ideias de pecado e de expulsão do paraíso, que separa humanidade e natureza, ele confronta o cristianismo em busca de sua ancestralidade, solapada pelos processos coloniais.

"Eu não sei a minha língua", constata, atônito. Sob memórias de massacre, desmatamento e evangelização, a pergunta fundamental do best-seller de Krenak é então colocada: "Somos mesmo uma humanidade?"

Ao investigar os costumes e o passado de seu povo, o Demiurgo Tsurá, o ritual Xingané, o poder de cura dos Kusanaty (pajés), esse indígena vasculha a si mesmo, enquanto desvela o etnocídio, a expropriação de terras e o sistemático aniquilamento do povo indígena e de seus direitos, inclusive em todas as constituições até a de 1988.

Em cena, esse corpo racializado pela so-

cidade, que lhe imputa a pecha de "índio", vasculha os estereótipos, enquadramentos e racismos vivenciados inclusive em sua carreira como ator. É na escola que Yumo descobre que quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral e escuta dos colegas: "Você é índio de verdade? Você come carne de macaco?". Com frequência, suas personagens usam roupas rasgadas, não possuem família, usam cocar ou têm os pés descalços.

"Sou fruto de histórias de sobrevivência. Nasci e cresci num mundo já cristão. A minha referência de força espiritual é estar ajoelhado, abrir mão dos meus desejos e renunciar a minha vida. Quando me dei conta disso, foi assustador. Eu não sou contemplado por esse pacote de vivência dolorida que a bíblia oferece", afirma Yumo. "Prefiro acreditar no encantamento desta vida do que numa vida eterna no paraíso ou no inferno".

"Durante o processo de ensaios, Yumo decidiu que, a partir das palavras de Krenak, ele precisava contar a sua história e compartilhar conosco a sua própria busca", conta João Bernardo, diretor, idealizador, produtor e autor do texto do espetáculo, ao lado de Yumo. Ao constelar as trajetórias de Yumo e Krenak, "Ideias Para Adiar o Fim do Mundo" nos descortina os procedimentos visíveis ou menos

evidentes da sistemática violentação sofrida pelas populações indígenas ainda hoje. "A colonização ainda está acontecendo", diz. "O racismo, o sexismo, a expropriação de terras e a monocultura ainda formam os pilares da sustentação socioeconômica deste país".

Neste contexto desolador, o ator-personagem, num trabalho de atuação voltado para as ações psicofísicas, partilha com o espectador sua caça a si mesmo. Será que adiar o fim do mundo é adiar o seu próprio fim? De onde podemos encontrar os nossos paraquedas coloridos e evitar a queda do céu, ideias imprescindíveis das culturas originárias? Como nos mobilizar e nos envolvermos diante de cenários distópicos e aterrorizantes?

"Quando escuto Krenak, sei que estou ouvindo muitas outras vozes de sábios e parentes. Ailton é um porta-voz que representa mais de 300 etnias, como disse em seu discurso de posse na ABL (Academia Brasileira de Letras). Quando eu me apresento num palco, minha mãe, meu pai e meus antepassados estão ali, nunca estamos sozinhos. Se minha memória está viva, a deles também", reflete Yumo. "A intenção deste espetáculo é buscar um caminho consciente de transformação interior. Enquanto o teatro puder me fazer existir, é com ele que vou continuar sonhando e suspendendo o meu céu. O teatro é sagrado. Viver é sagrado", completa o ator.

O diretor endossa a fala de Yumo e complementa: "Quem sabe, neste momento em que as tragédias ambientais ficam cada vez mais escandalosas, possamos ampliar a nossa escuta para outras formas de envolvimento com a terra e os povos da floresta. O teatro pode ser mais um dispositivo a convocar saberes que foram adormecidos, de comunhão, luta, partilha e festa".

"Antes de escutar e encarnar o que um sonhador de mundos que Ailton Krenak é, eu tive que sonhar. É necessário encarnar o sonho. Eu acredito que encarnei, por isso que escutei. Muita gente não sabe escutar. Porque a cidade é barulhenta. Quando dormimos, vamos dormir com o barulho da cidade e do trabalho. O encanto é preciso. A poesia da vida é precisa. Se não, a morte nos encontra. E ela pode nos encontrar morto ou vivo. Quando a morte chegar até mim, que ela me encontre vivo", finaliza Yumo.

### SERVIÇO

IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Futuro - Artes e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 - Flamengo)

Até 22/12, de quinta a domingo (20h)  
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)